

A Desidentidade*

Evelyne Grossman

As obras desfiguradas do século XX (as de Artaud, Beckett, Michaux e muitos outros) colocam em causa nossos sistemas, nossas categorias e a tranqüila estabilidade das oposições que freqüentemente os governam. Elas nos convidam a fazer-nos algumas perguntas perturbadoras. Entre as quais as que se seguem: face à normopatia contemporânea, esse véu que recobre uma depressão inconfessável, face a esse narcisismo gregário, socialmente gratificado, no qual cada um se reconhece no olhar de admiração que um semelhante lança em sua direção, para que este, por sua vez, lho relance, como inventar as formas plásticas, plurais de uma resistência à imagem? Como se desprender das formas petrificadas do identitário? Como inventar a cada instante as figuras movediças da representação do eu e do outro sem perder aí toda identidade?

Questão que Artaud formula da seguinte maneira : como conservar a permanência do eu recusando “o princípio inconsciente das efígies, das estátuas morais pré-moldadas e já prontas?” Que forma inventar para dizer a carne viva dos corpos sem petrificá-la, trancá-la *in vivo* em uma tumba? Questão que foi também, como sabemos, a obsessão de Poe. Formulada de outra maneira: como desencarcerarse do corpo-tumba, esta velha cumplicidade do *soma-sema*, se não mais acreditamos na alma eterna e na ressurreição dos corpos?

“Sei que meus ‘eus’ choram em seus sonhos e não podem mais pretender para a continuidade de seu princípio e de seu ser esta duração que a alma imortal lhes dava alguns séculos atrás. O que quer dizer que sem

* Tradução de Eduardo Rego.

o corpo que mantém a continuidade pessoal das impressões, os seres seriam mais mutáveis que o espetáculo da natureza que se desenrola da montanha ao mar e do iceberg à floresta.”¹

Um perigo duplo margeia efetivamente a desfiguração em seu movimento: a forma em excesso e o informe. De um lado a captação petrificada na imagem do eu, as formas mortas de um narcisismo calcificado. De outro, ao contrário, a dissolução melancólica das formas, o buraco negro de um espelho sem reflexo, a fusão com um infigurável arcaico com o qual tentamos formar um corpo, o ódio por si mesmo como informe. A escrita moderna se reinventa nesse espaço entre narcisismo e melancolia, entre o amor pela forma-língua e o fascínio de uma hemorragia sem fim pelo sentido e pelas palavras. De Beckett a Céline, de Michaux a Artaud, Leiris, Cioran, Blanchot, para citar apenas estes, os escritores não cessam de inventar uma forma, um estilo que figura/desfigura o informe – uma escrita cujo movimento incessante não fixe e sim mantenha aberta a oscilação, idéia fixa em alguns, jogos infinitos de uma negatividade em movimento para outros, força de uma língua em suspenso de uma forma a outra. Neles a desfiguração é esse movimento de reinvenção de um eu vivo na escrita, um eu que não afunde nem na loucura dissolvente, nem na cristação narcísica, que não sucumba nem à miragem das formas, nem à sedução mortal do informe.

A identidade então se torna *desidentidade*. Trata-se ao mesmo tempo de desfazer a identificação narcísica de uma forma que imobilizamos, uma imagem/miragem cristalizada (meu pai, minha mãe, este aqui a minha frente e que se parece comigo, este homem/esta mulher que eu encarno) e de inventar as figuras plurais, provisórias de uma identidade em movimento – *as* identidades. Ao mesmo tempo uma e mais de uma. O que significa identificar-se não a uma imagem e sim *ao movimento de uma imagem* em cada um dos pontos em que ela se estabiliza provisoriamente, nesse desfile que a torna plural, mutante. A desidentidade diria desse laço incessante da forma aos movimentos que a deformam. A identidade é então um teatro. A própria inversão da representação narcísica do eu, esta cena que se representa no palco vazio de uma *psiquê* desertada.

¹ Antonin Artaud, Carta a Jean Paulhan de 16 de fevereiro de 1945 (XI, 44-45).

E também o inverso da normopatia de nossos sistemas esgotados da representação social, mediática, política. Abro um último parêntese que não chega a ser um propriamente dito: Claude Lefort analisou após os trabalhos de Ernst Kantorowicz a descorporificação que se deu em nossas sociedades democráticas. Na monarquia, lembra ele, o poder era corporificado pela pessoa do príncipe. Este era um mediador entre os homens e os deuses, ele encarnava em seu corpo, ao mesmo tempo mortal e imortal, o princípio da geração e da ordem do reino. “Corporificado no príncipe, o poder dava corpo à sociedade”². Infigurável, o lugar do poder é a partir daí um lugar vazio que nenhum governante, por definição provisório, pode encarnar. Descorporificado, o poder cessa de manter o princípio de geração e de organização de um corpo social. É o *processo* que descreve Claude Lefort – o de um movimento contínuo de corporificação/descorporificação ao sabor de um debate permanente em “um espaço público sempre em gestação”³.

É esta teatralidade movediça, este “palco” no qual o conflito é representado diante dos olhos de todos, impedindo a sociedade de se petrificar em sua ordem, que me interessa. E não a “representação” por delegação, a representação/imagem do povo como Unidade, corpo suposto próprio e indivisível da multidão informe, e sim, ao contrário, a figura aí inventada de um corpo polimorfo, configuração imprópria e viva, cujo laço com os signos do poder deve ser constantemente recriado. Pode ser, que, aí ainda, a desfiguração do corpo político nos ajude e reinventar, longe do culto narcísico do espetáculo e da representação, um espaço vivo, esta carne do social que só reprimimos, como o corpo pré-genital, pagando o preço do vazio e da reprodução da morte: *teleno*.

² Claude Lefort, *Essais sur le politique (Séculos XIX-XX)*, (1986), Points-Seuil, p.28.

³ *Ibid.*, p. 52.